

Doença entra em casa pela torneira

No Bairro da Farrula, em Heliópolis, distrito de Nova Iguaçu, passa um rio onde todo o esgoto da cidade é jogado. O cheiro de podridão é sentido longe. Todas as ruas têm o mesmo padrão: casas com tijolos à vista, sem reboco, e alguns barracos. A água é encanada, mas os pequenos canos passam dentro das valas de esgoto. Por não ter pressão, a água é contaminada antes mesmo de chegar às casas.

Muitos ainda usam água de poço, pois "a da rua vem de vez em quando e tem dia que já aparece podre nas torneiras". Na Rua Itabapoan, lote 15, dona Emilia Quaresma mostra umas chagas que começam a aparecer em seu corpo e informa que a doença já atacou a pele de muita gente por ali. Apesar disso ela ainda não foi ao médico porque "daqui pra Nova Iguaçu quase não tem condução; vou esperar ele (seu marido) descer pra ir procurar o doutor".

Seu marido pára de trabalhar na construção da casa e reclama do rio, do cheiro, das moscas e do lixo "que o açougue ali do fim da rua joga aqui". "O pessoal vive doente, principalmente as crianças, sempre com *bicheira* e botando lombriga. Aqui dá doença de *montão*".

Inconsciência

Em meio à rua (?) várias crianças pequenas brincam na terra e nas valas de esgoto em cujas beiradas podem ser vistas até roupas secando. Um menino de 10 anos, aparentando no máximo sete, com os dentes totalmente apodrecidos e um abdômem enorme evidenciando verminose, responde a uma pergunta sobre sua saúde: "Aqui tá tudo legal, graças a Deus. Ruim parece que tá lá na América onde uma doença invisível tá matando tudo, né? Deu outro dia na televisão".

— Aqui as pessoas não têm consciência do problema. Sabem que se ficarem doentes podem recorrer ao INPS, apesar de serem geralmente maltratadas. Há falta de hospitais e os que existem dão um atendimento totalmente insuficiente e por isso as pessoas acabam recorrendo aos hospitais do Rio — afirma D Adriano Hipólito, acrescentando: "Aqui precisamos é de medicina preventiva e não curativa pois, sem a primeira, a segunda vai aumentar cada vez mais."

Prevenção precária

Um bom exemplo do abandono da medicina preventiva na Baixada é o posto da Superintendência das Campanhas (Sucam), do Ministério da Saúde — um barracão com mais de 20 anos de existência — inaugurado ainda durante as campanhas saneadoras de Mário Pinotti. Por fora parece um barraco de favela: as tábuas estão podres e sob a estrutura acumula-se água estagnada.

Dentro, os funcionários só esperam a chegada de alguém para desabafar: "Isto é uma pouca vergonha e só o Presidente da República pode dar um jeito, imagine que há vários meses estão anunciando a mudança disto daqui pra dentro de 10 dias. Outro dia apareceu o Dr Clóvis, do SESP, e garantiu que o posto ia mudar, mas até agora nada".

A simples aproximação do posto um cheiro intenso de excrementos domina tudo, embora não seja normal aos laboratórios de exame de fezes. Na sala de entrega dos laudos, um cubículo de madeira com duas escrivaninhas encardidas, um cartaz na parede lembra que as verminoses devem ser combatidas — em primeiro lugar — pelo uso de privadas higiênicas.

A privada do posto é repugnante, com todas as instalações quebradas, e funciona dentro da sala de preparo das laminas com o material para exame. O cheiro é insuportável e sobre as mesas (podres) baldes e outros objetos estranhos a um laboratório misturam-se a restos de papel sujo.

— *Olhai*, moço, as laminas são lavadas num balde, sem detergente nem nada. Mesmo que o paciente tenha vermes o exame pode dar errado, pois não é possível limpar as laminas direito. E olhe que fazemos cerca de 200 exames por dia". Além disso os funcionários não recebem luvas, aventais ou qualquer material que permita protegê-los da contaminação.

Apesar de o cartaz na parede recomendar que "é preciso usar água de poços bem protegidos para evitar a verminose", o posto do Ministério da Saúde está com a bomba quebrada há meses e a caixa d'água não tem tampa, sendo frequente o aparecimento de dejetos ou animais mortos em seu interior.

— Outro dia nós pedimos pelo menos papel timbrado ou um carimbo para identificar as folhas de exames, mas não veio nenhuma resposta — reclama um funcionário, mostrando os papéis em que são dados os resultados, velhos ofícios cortados em quatro e em cujo verso os funcionários escrevem os laudos.

Os exames são feitos no "laboratório Mário Pinotti", um cubículo com duas grandes janelas onde um velho técnico examina as laminas, uma a uma, no microscópio, única peça no casebre que lembra um laboratório.

No posto da Sucam existe apenas uma lampada. Quando se faz necessária, é desatarrachada do soquete onde estiver e levada para outra sala. "Cansamos de comprar lampadas com o nosso dinheiro, agora basta; quando esta *pijar*, combateremos à sombra", ironiza um funcionário.

A "seção de esquistossomose" do posto resume-se a um velho armário de cozinha, semi-arruinado, onde estão amontoados em confusão remédios e folhetos. "Aqui fazemos exames até para o Hospital Jesus e o INPS do Rio e apesar de tudo isso eles ainda preferem recorrer a nós", informa — com uma ponta de orgulho — o funcionário, revelando que entre as crianças o índice de verminoses chega a ser superior a 90%, sendo comum encontrar casos de poliverminose (mais de um verme num mesmo doente).

Prevenção insuficiente

Segundo o Deputado Jorge Davi, existe "um grande descompasso entre a medicina preventiva e a curativa aqui na Baixada e pode-se notar facilmente a carência de recursos dos postos do Estado, onde nem sempre há vacinas su-

ficientes e frequentemente faltam material e pessoal".

Quase a mesma coisa diz o Dr Heitor da Costa Vale, supervisor do Posto de Assistência Médica II do INPS de Nova Iguaçu: "Aqui a maioria dos atendimentos é em consequência da subnutrição, verminose e suas sequelas como a distrofia e as diarreias. No inverno o índice de atendimentos cai, embora um grande número de crianças apareça aqui com difteria causada unicamente por falhas na vacinação".

O quadro da fome começa antes mesmo do nascimento e um grande contingente de crianças na Baixada "já nasce em desvantagem", segundo observa um médico. Essa desvantagem, que irá refletir-se por toda a vida, já fica evidente na escola primária onde a incidência de crianças com baixo QI é muito grande. Estima-se que para cada grupo de 500 crianças que ingressem no primeiro ano primário, na região, apenas 180 chegarão ao final do primeiro ciclo, e a maioria sem ter aprendido quase nada.

Definindo os sete primeiros anos de uma criança como a *faixa da desgraça*, o Sr Jorge Davi diz haver uma preocupação prioritária do INPS em executar na região um *Plano Especial de Pediatria (PEP)*, que distribuiria comida entre crianças escolares e pré-escolares. A medida contribuirá para a melhoria dos níveis de saúde, mas, o Deputado não acredita que possa ser posta em prática: não há dinheiro.

Crescimento pequeno

Na Baixada são vistos postos de saúde em construção ou em reforma, o crescimento desses postos foi bem menor que a expansão da rede do INPS, destinada em grande parte à medicina curativa. Além disso, os postos limitam-se a vacinar, não existindo visitadoras sanitárias nem qualquer função educativa junto à comunidade que — em consequência — os ignora, quando não os depreda.

Em Nova Iguaçu a Secretaria de Saúde está construindo os postos de Austin, Morro Agudo, Japeri, Tinguá e Miguel Couto e reformando os subpostos de Mesquita, Belford Roxo, Queimados e Rio do Ouro; em Caxias estão em reforma os postos de Mantiquira, Parque Fluminense, Jardim Primavera e São Lourenço; e em Nilópolis o posto de saúde de Olinda.

Quinta-feira passada, às 10h da manhã, o posto de saúde de Campos Eliseos (Caxias) estava fechado, sem ninguém para atender, apesar de ser ainda horário de funcionamento. Às 15h40m o posto de saúde do Parque Fluminense ainda funcionava, cheio de gente, a maioria crianças que brincavam descalças no chão sujo. O movimento àquela hora explicava-se pelo fato de o posto ter começado a funcionar às 12h30m (seu horário de abrir é às 8h). Não havia nenhum médico e os moradores das proximidades informaram que o posto só abre às terças e quintas-feiras.

O posto do Parque Fluminense está sujo e com os vidros quebrados. Nos fundos, junto à cisterna, o mato mistura-se com excrementos e detritos jogados no terreno.

Dia seguinte, 9h30m, Posto Joaquim

de Almeida Flores, em Nilópolis. O médico de plantão chegou às 8h e já foi embora, deixando no local pelo menos 10 pessoas sem carteira de saúde, pois apenas ele pode assinar. No dia anterior, não tinha aparecido.

— O problema — diz um paciente — é que ele tem a obrigação de atender apenas 20 pessoas; então chega, examina essas 20 de qualquer jeito e vai embora.

Apesar de novo e bem conservado o posto quase não tem recursos, não utiliza seringas descartáveis e as 20 seringas existentes são descontaminadas num velho esterilizador a água, proibido pela Saúde Pública em qualquer farmácia do Estado. As poucas agulhas são constantemente afiadas, pois não há substituição de material; e as vacinas, acondicionadas num isopor encardido, são guardadas no armazém do *Seu João* pois o posto não tem geladeira. É comum a perda de lotes de vacina por falhas de estocagem.

Até o álcool usado no posto é comprado pelos funcionários, que ganham em média Cr\$ 700 por mês. No presente ano o posto não fez qualquer visita domiciliar, o que o torna — como os demais da Baixada — inútil, já que é sua função detectar os focos de doença na comunidade, dar educação sanitária e levantar dados estatísticos para avaliar os problemas da região. A consequência dessa inoperância reflete-se no alto índice de doenças infecciosas na comunidade, numa falta de educação sanitária e num desconhecimento quase total da magnitude dos problemas que todos sabem apenas serem "supergraves".

Problemas

As vezes a própria ação das autoridades acaba resolvendo problemas num local para criá-los em outro. Em Nilópolis, um pequeno Município com uma população de 150 mil habitantes espremidos em apenas nove quilômetros quadrados, o despejo de lixo cria problemas. Lá o vazadouro é numa área urbana e, em meio a um grupo de casas, urubus e homens disputam ávidos o lixo deixado pelos caminhões da Prefeitura. As moscas infestam o local, onde já ocorreram vários casos de leptospirose, doença gravíssima que ataca o fígado e é transmitida pela urina dos ratos que proliferam em meio ao lixo.

Segundo o Prefeito de Nilópolis, Simão Sessim, o problema do lixo é "extremamente grave", mas garante que "dentro de 30 ou 40 dias será assinado convênio com o Estado para que o lixo da cidade seja removido para Caxias, onde haverá um vazadouro metropolitano, atendendo o Rio e municípios da Baixada".

O saneamento é outro problema grave na realidade da Baixada e apenas Nilópolis tem padrões aceitáveis, embora não bons. Lá 60% da área urbana têm água e alguma forma de esgoto, o que é facilitado em parte pela dimensão reduzida do Município. Em Caxias e Nova Iguaçu apenas 10% das casas estão ligadas a alguma espécie de rede de esgotos, enquanto 20% têm fossas sépticas e 30% fossas rudimentares. A regra na Baixada são os detritos correndo a céu aberto, o que favorece extraordinariamente a propagação de doenças como as gastroenterites, as salmoneloses (tifo) e as verminoses de todos os tipos.